

INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE NO OESTE DO PARANÁ¹

Juventude e trabalho industrial no Oeste paranaense: o futuro que não se realiza

Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi²

Nos últimos quinze anos a instalação de indústrias no Oeste paranaense mudou radicalmente a face desta região. Hoje, mais de 30% dos trabalhadores estão ocupados com algum tipo de trabalho nas fábricas e 80% desses empregos são oferecidos por indústrias onde se manufacturam alimentos, principalmente carne de frango e de porco. Portanto, os jovens desta região que trabalham nessas empresas fazem parte de uma numerosa classe operária que tem crescido sem parar, embalada por promessas de que a vida vai melhorar.

De fato esta recente concentração industrial já conseguiu um lugar de destaque na economia do Estado. Seu faturamento é contado na casa das dezenas de milhões de reais e o resultado de tanto trabalho (carne de porco, de frango, queijo, leite, biscoitos etc.) circula nacionalmente e chega até mesmo em países do Oriente Médio, rendendo dólares que remuneram fartamente esses empreendimentos. É uma verdadeira história de sucesso, contada em artigos científicos, noticiada em jornais, celebrada em festas e eventos políticos. Mas nem todos estão felizes e entusiasmados com tudo isto.

João Schneider foi um dos primeiros operários desse processo de industrialização, empregado num frigorífico desde a sua inauguração em 1994. Ele entrou como auxiliar geral e fez todo tipo de tarefa prevista para alguém com pouca escolaridade e muita disposição física para o trabalho. Empacotou e carregou mercadoria, foi encarregado da limpeza e aprendeu a cortar a carne do frango. Tornou-se um especialista nisto. Quando lidava com as coxas e sobre-coxas da ave, realizava quatro gestos para cortá-las e separá-las, num total de 68 movimentos por minuto. Esta rotina lhe deixava exausto, mas era recompensada com a possibilidade de economizar dinheiro para comprar uma motocicleta. Depois de três anos conseguiu realizar seu

¹ Mural produzido em Junho/ 2010. Coordenação: Antônio de Pádua Bosi. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Waiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Francieli Pinheiro, Lúcio Fellini Tazinaffo e Marcos da Silva de Oliveira.

² Docente do curso de História da UNIOESTE.

sonho. Também se casou com uma colega de trabalho que conheceu na linha de produção. Juntos, com as despesas divididas, continuaram a perseguir a promessa que lhes foi feita quando aquela fábrica começou a funcionar: disseram-lhes que progrediriam com a prosperidade da empresa. Mas João não foi além da moto. O nascimento de um filho adicionou mais responsabilidades, preocupações e gastos, principalmente gastos. O salário pareceu diminuir.

Se a piora da situação inicial não fosse bastante, começou a sentir dores insuportáveis devidas ao trabalho. Dores no ombro, nos braços, nas costas e em algumas articulações. Frequentou diversas vezes o médico da própria fábrica. As consultas eram rápidas e terminavam com uma receita de analgésicos e antiinflamatórios. As coisas não melhoraram mesmo após realizar inúmeras sessões de fisioterapia. Deixou de ser um “colaborador” naquela fábrica depois de dez anos de trabalho. Recorreu à Justiça contra a empresa alegando ter sido destruído pelos cortes na carne do frango e terminou com um acordo indenizatório de aproximadamente trinta salários mínimos e com os tendões “supraespinhal”, “infraespinhoso” e “bíceps braquial” rompidos. Gastou sua indenização no pagamento de uma cirurgia reparadora que amenizou as dores, mas não restaurou a força e a destreza dos movimentos que tinha quando entrou naquele frigorífico aos dezenove anos de idade. Hoje, com 34 anos, está imprestável para o trabalho. É dono de um corpo sonolento e mutilado do qual se esvaíram todas as forças ao longo de uma década dedicada às jornadas diárias de participação do sucesso empresarial no Oeste paranaense. O vigor moral que lhe restou é animado principalmente pela esperança de que seu filho não repita a sua trajetória, experimentada com um gosto amargo de arrependimento. Além do salário da esposa, que saiu do frigorífico pra trabalhar numa confecção, João complementa a renda da família com bicos incertos que o ajudam também a manter a dignidade.

Cristiano Schmidt tem dez anos a menos que João. Há quatro anos trabalha num frigorífico, seu terceiro emprego de carteira assinada depois de diversas experiências com ocupações informais. Na escala oferecida por economistas e políticos Cristiano “subiu na vida”. É filho de um pedreiro e de uma empregada doméstica. Com eles aprendeu a cultivar o valor do trabalho honesto e a confiar na promessa trazida pelas indústrias. Vive com seus pais e paga parte das despesas da casa como as contas de água e de luz. O restante de seu salário foi economizado para comprar uma motocicleta Bis, um dos principais sonhos de consumo acalentados por jovens que, como ele, cresceram num bairro pobre e estigmatizado. A estabilidade neste emprego

trouxe a expectativa de terminar o ensino médio, uma meta sempre adiada pela necessidade de trabalhar. Matriculou-se num supletivo, mas logo desistiu porque chegava esfalfado em casa, sem energia pra coisa nenhuma. Saía para o trabalho entorpecido pelo sono e esta se tornou a rotina que passou a marcar sua vida: o cansaço. Há um ano procurou o ortopedista esperando se livrar de uma incômoda dor que lhe “queimava” o pescoço. Perdeu a noção de quantas vezes se consultou. Foram tantas que decorou o nome de diversos antiinflamatórios, mas ainda não se acostumou às freqüentes “fisgadas” sentidas também “na cabeça e nas costas”. Mais algum tempo nesta situação e Cristiano alcançará João. Só não se sabe como sustentará sua dignidade e nem de onde retirará ânimo para superar a raiva e refazer o traçado de sua vida quando estiver destroçado.

Willian Lagemann é o terceiro sujeito desse triste enredo. Tem apenas 20 anos de idade e já completou dezoito meses trabalhados num frigorífico. Seus pais também são trabalhadores com pouca qualificação profissional cujas limitações materiais lhes impuseram um comportamento deferente e quase conformado com a vida. Separaram-se há poucos anos e o pai converteu-se à bebida, um tipo de conforto nada incomum para muitos daqueles que se curvam diante de tantos maus tratos vividos. Nos filhos, e entre eles está Willian, reside a possibilidade de mudar sua sorte. Willian sente essa projeção dos pais, mas tem suas próprias preocupações compartilhadas pelos demais jovens trabalhadores pobres na região. O salário lhe serve para comprar os emblemas de sua época, roupas de etiqueta, tênis da moda e, é claro, uma motocicleta que dará a ele a impressão de liberdade e poder. Assim como João, Cristiano e outros milhares de jovens, Willian começa a sofrer com o trabalho. Dores musculares, “fisgadas”, “calores”, analgésicos e antiinflamatórios têm se constituído parte de seu cotidiano. Em pouco tempo escorregará para a posição de Cristiano e depois de João.

Manter-se moralmente vivo quando a própria integridade física está ameaçada é o ato final de um roteiro dramático que pressiona cada jovem trabalhador dessa região a desenvolver um papel nesta história triunfante do crescimento industrial no Oeste paranaense. O futuro prometido é simplesmente irrealizável para os que trabalham, mas esta consciência não é amplamente esclarecida. Aliás, não se encontra nenhum traço dela nos discursos políticos ou na imprensa que nos informa sobre a “realidade” e a fortuna de termos tantas indústrias neste lugar. Enquanto isso, gente como João, Cristiano e Willian continuam a encher as filas de inscritos para essas fábricas, perseguindo futuros que não se realizam.

Frigoríficos e trabalhadores: vivência e limites da industrialização recente.

*Guilherme Dotti Grandó³
Lúcio Fellini Tazinaffo⁴*

O processo de industrialização recente no oeste do Paraná teve início no final da década de 1970. Neste desenvolvimento observamos a vinda de indústrias frigoríficas de outros locais, e também a organização de frigoríficos de capital regional, à exemplo da Copagrill em Marechal Cândido Rondon. O discurso elaborado por estas indústrias sobre este processo de industrialização recente e a forma como as relações de trabalho dentro delas se dão, procura colocar estas empresas como as principais responsáveis pelo desenvolvimento da região, empresas empreendedoras que concedem aos trabalhadores oportunidades de emprego, muitas vezes, de um primeiro emprego, omitindo a realidade das condições de trabalho oferecidas por elas e os danos causados a saúde de seus trabalhadores.

Em pesquisa recente (2007) Anna Finkler, ao estudar a relação entre as condições de trabalho precárias dos trabalhadores nos frigoríficos e as doenças desenvolvidas dentro desse processo de trabalho, mostra uma realidade que se contrapõe a este discurso elaborado pelas indústrias frigoríficas e a elite industrial burguesa. Como mostra a autora o trabalho nesses frigoríficos está sujeito a uma série de condições adversas como o constante risco de acidentes no local de trabalho, a repetição contínua de movimentos, a exposição a temperaturas baixas e a imposição de um ritmo de trabalho determinado pela esteira.

Estas questões relacionadas à intensidade do trabalho nos frigoríficos e sua relação com as doenças do trabalho, podem ser percebidas nas entrevistas de ex-trabalhadores utilizadas por Finkler. A “velocidade” do trabalhador, segundo alguns depoimentos, é colocada como um critério para a garantia do emprego. “[...] *aqueles caras que iam mais devagar, a chefia passava e derrubava só com o olho. Cara fraquinho no trabalho, nem na experiência passa*” (E13) (FINKLER, 2007, p.64)

A forma como se organiza o trabalho no frigorífico, as metas de produtividade pré-estabelecidas, o ritmo, que por vezes até extrapola o limite humano, não levam em consideração as condições de saúde do trabalhador. A produção é colocada como prioridade mesmo quando a saúde dos trabalhadores é colocada em cheque. Muitas

³ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁴ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

vezes, como mostra Finkler, a empresa dificultava para que o trabalhador sequer pudesse abrir uma CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho), e ocorreram vários relatos onde a empresa se negou a pagar a assistência médica aos funcionários que desenvolveram as doenças do trabalho.

O médico da [...] falou que eles não irão pagar a cirurgia, porque esta tendo muita cirurgia cara para eles pagarem (E1). (FINKLER, 2007, p.84)
até a enfermeira do trabalho falou que era normal travar a coluna, não deixaram eu abrir a CAT, a equipe médica falou que não era acidente de trabalho, que não tinha nada quebrado com o tombo (E11). (FINKLER, 2007, p. 84)

Pesquisas desenvolvidas sobre a organização do trabalho nos frigoríficos da Copagril mostram que boa parte dos trabalhadores empregados no setor frigoríficos são jovens recém colocados no mercado de trabalho. A necessidade de recursos para se manter na cidade, para se custear na universidade em alguns casos, aparece como característica do perfil dos trabalhadores.

Apesar do discurso das empresas, de empreendedorismo e oportunidades, o trabalhador entra em uma situação de trabalho onde vivencia condições muito duras de serviço no cotidiano, conforme podemos perceber nas entrevistas utilizadas por Anna Finkler. Esta é a contradição que é vivida cotidianamente pelos que trabalham em frigoríficos como a Copagril. No processo de trabalho em que são colocados, os riscos de acidentes no local de serviço e as conseqüências da intensidade do trabalho, não oferecem aos trabalhadores mais do que nove anos de labor sem contrair alguma doença relacionada ao trabalho.

Este contexto do trabalho nos frigoríficos já foi e é vivenciado por muitos trabalhadores, tanto jovens como mais velhos. As conseqüências na saúde causadas por esta forma de organização do trabalho, quando já não são explícitas como em acidentes de trabalho onde o trabalhador tem membros amputados por maquinários no local de trabalho, são profundas em longo prazo e chegam a persistir por toda uma vida. As dores nas articulações, coluna, braços e pernas são o prêmio oferecido pelos frigoríficos pelo esforço dos trabalhadores em alcançarem as metas de produtividade. A perspectiva que é oferecida a estes trabalhadores, mas também as próximas gerações da juventude são de um futuro onde o passado nos frigoríficos nem sempre pode deixar de ser sentido e a todo o momento lembrado nas dores.

Trabalho Informal nas Confeccões no Oeste do Paraná

*Francieli Pinheiro⁵
Marcos da Silva de Oliveira⁶*

Ao propormos uma análise das condições de trabalho, seja ela no âmbito formal ou informal, na região Oeste do Paraná, nos deparamos com profunda relação de exploração dos possuidores dos meios de produção sobre os detentores da força de trabalho. Nesse sentido observamos que essa relação não está presente apenas no setor formal da economia, mas também em grande medida de forma “oculta” nas diversas ocupações informais, ou seja, relações de trabalho sem direitos trabalhistas.

Na região Oeste Paranaense, exemplo de Marechal Cândido Rondon, parte significativa da população que não encontra vaga no mercado de trabalho formal, por não se enquadrar em grande medida no perfil exigido pelas indústrias, termina por trabalhar em ocupações informais, pois necessita alimentar-se e manter a subsistência de sua família e ter pelo menos um pouco de qualidade de vida, se é que isso se torna possível. Nesse sentido, forçada pelas suas necessidades e por não estar no perfil exigido pelas empresas, esse trabalhador lança-se para a informalidade seja como pintor, encanador, catador de lixo, costureira, bordadeira dentre outras ocupações. Mas tomaremos como escolha para discussão as costureiras (domiciliares) de Marechal Cândido Rondon e região, onde esse tipo de trabalho torna-se necessário para poder ter uma renda auxiliar.

Um exemplo desse tipo de trabalho informal está presente nas experiências de costureiras que trabalham para indústrias de confeccões. Muitas mulheres e donas de casa com algum conhecimento em “corte e costura” trabalham em suas próprias casas costurando para confeccões que contratam seu trabalho sem, contudo, pagar qualquer direito trabalhista por isto. Nesse sentido observamos que o trabalho é realizado em casa para poder conciliar funções domésticas com outros meios (no caso a costura sob encomenda) para poder ter uma renda auxiliar. Como esclarece Terezinha Carvalho:

“Isso obviamente, além da própria execução das funções domesticas. Como limpar, passar roupa, cozinhar, cuidar dos filhos e marido, que depende de tempo para ser realizado e que consumam num intervalo e outro da costura, ou durante o tempo em que param para preparar as

⁵ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁶ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

refeições da família. São varias as funções, num intervalo, que consomem as trabalhadoras em jornadas intensas e extensas.” (Carvalho, 2009, p.72).

Além de ter árduas jornadas de trabalho que chegam, em muitos casos, ha 12 horas por dia para cumprir as tarefas, grande parte dessas trabalhadoras não dispõe de um lugar próprio para costurar, bordar enfim, de um lugar para a execução das tarefas. Deste modo utilizam cômodos da sua casa para por maquinas e os equipamentos necessários, e que torna o lugar abafado. Demonstra a partir desses elementos citados as condições que os trabalhadores (principalmente mulheres) estão inseridos, onde se torna necessário estender a jornada para poder cumprir seus pedidos e ter “a renda esperada” no final do mês.

O questionamento que nós devemos fazer é por que as empresas deste ramo preferem costureiras que trabalham na informalidade? Torna-se preferível para algumas empresas ter esses trabalhadores na informalidade produzindo partes/etapas ou até mesmo todo um produto, pois não necessitam ter responsabilidade implícita sobre esta mão de obra. Exemplos dessa relação além, das costureiras de Marechal Cândido Rondon são as de Terra Roxa que costuram para algumas empresas de confecções como, Príncipe Baby, Tropical Baby, Paraíso Bordados, Berço de Ouro, sem ter algumas obrigações com as mesmas.

A responsabilidade por direitos como, descanso remunerado, férias e aposentadoria, por exemplo, passa da empresa para o trabalhador, que precisa produzir para poder ter uma renda auxiliar que pode variar de 1 a 5 salários mínimos. No caso de Marechal Cândido Rondon não existe um sindicato forte, que lute por melhores condições de trabalho e que possa dar pelo menos informações sobre a profunda relação de exploração que esses trabalhadores estão inseridos. Observa-se que a lógica de produção capitalista está conectada com diversos mecanismos que exploram os trabalhadores muitas vezes de forma “oculta”, para poder dar razão a sua exploração.

A Face Oculta da Industrialização em Marechal Cândido Rondon/PR

Fabiola Waiss Farherr⁷
Fagner Guglielmi Pereira⁸

O processo de industrialização em Marechal Cândido Rondon é recente, ocorreu praticamente nas duas últimas décadas. Mesmo assim, já provocou grandes transformações na cidade. A industrialização foi sempre apoiada pela imprensa do município. Propomos analisar nesse texto as conseqüências do discurso da imprensa no cenário político, econômico e social da cidade a respeito da industrialização.

Em dez anos a inserção de trabalhadores nas Agro-indústrias rondonense apresentou significativo aumento, passou de 13,3% da mão de obra em 1996 para 30,6% em 2006⁹. A indústria de carne de aves é a maior empregadora da região com 13,84% dos empregos formais. Os dados indicam o forte processo de industrialização que o município vem passando durante esse período.

Além da concentração dos trabalhadores nas fábricas alimentícias do município, também há uma acentuada transformação nas relações de trabalho, semelhante ao que ocorreu no início da Revolução Industrial no século XVIII. Naquela época, a industrialização desfigurou profundamente as relações do homem com seu trabalho, expropriando em menos de um século cerca de quatro milhões de camponeses de suas terras. Em Marechal Cândido Rondon, antes da industrialização, a agricultura era o fio condutor da economia e dos trabalhadores rurais. Hoje, o trabalho do agricultor tornou-se mais dependente do controle das indústrias e muitos filhos de agricultores estão na linha de produção dessas fábricas, tendo que se adaptar ao rigor das máquinas. Além disso, grande parte dos trabalhadores das indústrias procede de outros municípios.

A imprensa local anuncia em suas reportagens um aumento de 47% no número das contratações de trabalhadores, colocando a cidade em primeiro lugar na região. Mas será que isso significa alguma melhoria na vida dos trabalhadores? Em quais condições esse trabalho na indústria é realizado? O estudo de Finkler (2007) demonstra que 69% dos trabalhadores dos frigoríficos da região Oeste do Paraná adoecem em no máximo

⁷ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁸ Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁹ BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná”. In **Relatório Técnico Final**. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009.

cinco anos de trabalho. Desse percentual, grande parte adoece em apenas 15 a 30 meses de trabalho¹⁰. Inúmeras doenças estão afetando os trabalhadores nos frigoríficos da região, tais como: bursite, depressão, reumatismo, varizes, dentre outras, que são conseqüência da extensa jornada de trabalho, marcadas pela repetição dos movimentos e a exposição a ambientes insalubres.

Os trabalhadores são submetidos a constantes variações de temperaturas nocivas à saúde, trabalhando em ambientes com temperatura de apenas 7 a 8° e, depois passam a outro setor com temperatura de 18 a 25°. Para agravar o quadro, o salário na maioria dos casos é dificilmente supera o salário mínimo do Paraná. Neste sentido, podemos afirmar que, para os trabalhadores que estão perdendo a saúde nos frigoríficos da região, a indústria não representa de maneira nenhuma benefício em sua vida. Muito pelo contrário, é entendido muitas vezes como seu martírio.

A realidade que apresentamos acima não é publicada na imprensa local, devido a sua preocupação em justificar a industrialização que garantem enormes lucros para a burguesia.

Quando o jornal o Presente no ano de 2008 em seu editorial afirma que:

“As indústrias são grandes focos de desenvolvimento, mas também são grandes geradoras de problemas sociais [...] os filhos das famílias que vêm para uma cidade trabalhar na indústria estudam aonde? Nas escolas públicas. E certamente aumentando a população de trabalhadores, é preciso construir novas escolas. Com o aumento de novas escolas, é preciso aumentar o número de professores [...]”¹¹

Fica clara a tentativa deste jornal em criminalizar a condição social dos trabalhadores, à medida que reconhece a industrialização como a porta para o progresso da cidade, o jornal por outro lado entende os trabalhadores como um fardo para a sociedade.

De acordo com o editorial, os trabalhadores seriam os responsáveis pelo o aumento com os gastos com saúde, educação, transporte e não responsabilidade do governo local. Não obstante, o mesmo jornal culpa os trabalhadores das indústrias pelos problemas e gastos com segurança pública na medida em que se refere aos trabalhadores como a “gente de fora que se aproveita do fato dos vizinhos serem

¹⁰ FINKLER; Anna Luisa. TCC: “Os Problemas de Saúde dos Trabalhadores e a Relação com o Processo de Trabalho em Frigoríficos”, Cascavel; 2007.

¹¹ Jornal O Presente, editorial: industrialização X Desenvolvimento. Marechal Cândido Rondon 26/11/2009.

desconhecidos para aplicar seus golpes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná”. In **Relatório Técnico Final**. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A inserção das mulheres no Trabalho domiciliar em Terra Roxa e a Horizontalização do capital no Século XXI**. Tese de Doutorado. Presidente Prudente, 2009.

FINKLER; Anna Luisa. TCC: “**Os Problemas de Saúde dos Trabalhadores e a Relação com o Processo de Trabalho em Frigoríficos**”, Cascavel; 2007.

Jornal O Presente, editorial: industrialização X Desenvolvimento. Marechal Cândido Rondon, 26/11/2009.

<http://www.opresenterural.com.br/noticias.php?n=732>